ISSN: 2358-8829

DA ESCOLHA PROFISSIONAL AO "EU DOCENTE": MEMORIAIS E TRAJETÓRIAS FORMATIVAS NO CURSO DE PEDAGOGIA - CCHSA/UFPB

Vivian Galdino de Andrade [1]

RESUMO
Este artigo traz como objetivo compreender os memoriais produzidos por discentes do curso de Pedagogia do Campus III da UFPB como documentos de expressão, nos quais se manifestam reflexões sobre suas trajetórias formativas. Buscou-se problematizar de que maneira a experiência de vida dos estudantes, ao longo da graduação, tem contribuído para sua formação, a partir da análise de memoriais. Essa pesquisa é de cunho qualitativo, de caráter exploratório e documental. Para desenvolvê-la trabalhamos com o método biográfico, a fim de discutir relatos sobre a escolha do curso, a relação com os docentes, as dificuldades e desafios vivenciados na trajetória acadêmica e as amizades construídas com os colegas de curso, considerando o contexto histórico de produção dessas narrativas. Autores como Guilherme do Val Toledo Prado, Rosaura Soligo e Maria Divanira de Lima Arcoverde, Maurice Tardif e Antonio Nóvoa nos guiaram teoricamente. A análise dos memoriais permitiu compreender que a formação dos futuros pedagogos é atravessada por experiências individuais e coletivas que envolvem diferentes dimensões da vida acadêmica, abrangendo também o fortalecimento de laços afetivos e o reconhecimento da própria trajetória como parte constitutiva do "eu docente".

Palavras-chave: Memorial, Formação Docente, Identidade profissional

1. Passos introdutórios

O Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrárias (CCHSA), pertencente ao Campus III da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), se localiza no município de Bananeiras. Ele atualmente trabalha com as seguintes graduações: Bacharelado em Administração, Agroecologia e Agroindústria, e Licenciaturas em Ciências Agrárias (Presencial e EAD) e Pedagogia.

O Curso de Pedagogia, cenário de nossa pesquisa, começou a ser pensado no Campus III a partir do ano de 1998, quando o Colégio Agrícola Vidal de Negreiros (CAVN)[2] ofertou o Curso de Formação para Professores na Educação do Campo, voltado à jovens da região que faziam parte de assentamentos. No ano de 2005, criou-se um projeto de Extensão em Educação do Campo, que focava no processo de alfabetização para professores em áreas de Reforma Agrária e Agricultura Familiar. No entanto, foi

[1] Professora Associada II do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba – UFPB/ Campus III. vivian.galdino@academico.ufpb.br ;

[2] O Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrárias – CCHSA - está localizado entre os municípios de Bananeiras e Solânea/PB. Foi sede do antigo Centro de Formação de Tecnólogos (CFT), que surgiu a partir do Patronato Agrícola Vidal de Negreiros (CAVN), escola agrícola criada pelo Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio em meados de 1913, durante o governo do Presidente Venceslau Brás. Espaço de formação para o ensino médio, para a educação profissional (Habilitação em Agropecuária, Agroindústria e Aquicultura).

apenas no ano seguinte, a partir da especialização em "Agricultura Familiar Camponesa e Educação do Campo", que o curso de Pedagogia acabou sendo implementado, fortalecendo o vínculo formativo entre o espaço agrário e a Educação.

É nesse cenário que o curso inaugura sua área de concentração, a "Educação Escolar do Campo", ofertando três componentes curriculares que a contemplam: 'Educação do Campo', 'Pesquisa e Prática em Educação do Campo' e 'Estágio Supervisionado em Educação do Campo'. A área da Educação passaria a se expandir no Campus III, principalmente no ano de 2011, quando é criado o Departamento de Educação do CCHSA.

No atual ano de 2026 o curso de Pedagogia fez 20 anos. E foi nesse sentido que fomos motivados a investigar as reflexões que os discentes do curso fazem de seu processo formativo, ao longo da trajetória do curso. Para tanto, em trabalhos realizados em anos anteriores e vinculados aos componentes curriculares de "Seminário Temático"[3], passamos a trabalhar com os discentes do curso com "memoriais formativos". Tais documentos de fala narram histórias vividas durante o processo de formação acadêmica e profissional, nos ofertando pistas que nos auxiliam a mapear como a trajetória de vida dos discentes de Pedagogia, ao longo do curso, tem contribuído em sua formação.

O memorial formativo se apresenta como um gênero textual, no qual o autor relata através da escrita acontecimentos de sua vida. Isso é possível, quando se entrelaça e registra lembranças, memórias e histórias em formato de texto escrito. Ele é definido por Arcoverde (2007) como um

> [...] gênero textual rico e dinâmico que se insere na "ordem do relatar", isto é, gênero que relata fatos da memória, documentação de experiências humanas vivenciadas. O memorial pode ser considerado, ainda, como um gênero que oportuniza as pessoas expressarem a construção de sua identidade, registrando emoções, descobertas e sucessos que marcam a sua trajetória. É uma espécie de "diário", no qual você pode escrever suas vivências e reflexões. É também um gênero que pode ser usado para que você marque o percurso de sua prática, enquanto estudante ou profissional, refletindo sobre vários momentos dos "eventos" dos quais você participa e ainda sobre sua própria ação (Arcoverde, 2007, p.2).

Para os profissionais da educação, o memorial formativo surge como um recurso que proporciona escrever sobre a própria trajetória profissional, registrando vivências

[3] O PPC do curso de Pedagogia possui 8 componentes de Seminário Temático, que são ofertados por semestre, tendo uma carga horária de 30horas.

pessoais e acadêmicas, principalmente, fatos memoráveis ao longo do percurso de formação. Essas características nos possibilitaram a articulação dos memoriais com as contribuições de Tardif (2002) e Nóvoa (1992), ao apresentarem a trajetória acadêmica não como um processo restrito à aquisição de conhecimentos curriculares, mas como uma experiência marcada pela articulação entre saberes, experiências, relações e processos de transformação pessoal e profissional.

Para esse artigo, os memoriais são concebidos como documentos históricos, fontes que trazem vestígios do passado. Essas fontes possibilitaram o acesso às memórias dos discentes, às percepções que eles registraram sobre os professores, o curso, a vivência em componentes curriculares, os relacionamentos entre colegas e as impressões que destacam sobre os conteúdos aprendidos. Por meio deles, conseguiremos discutir as concepções de docência e trajetória formativa dos discentes.

2. Passos metodológicos

Como forma de analisar as lembranças, vivências e sentimentos dos discentes de Pedagogia, trabalhamos com memoriais escritos, conforme aponta tabela a seguir:

Quadro 1: Fontes consultadas

Ano	Quantidade	Tipo de Memorial
2022	23 memoriais produzidos	07 Cartas-Memorial 16 Textos Memorial

Fonte: Quadro produzido pela autora, 2026.

Os memoriais aqui listados foram produzidos, como vemos, durante o ano de 2022, a partir da experiência em “Ateliês Biográficos”. Em um primeiro momento, eles foram intitulados como “Narrativas de vida sobre experiências formativas”, e foram ofertados no componente curricular de “Seminário Temático VIII”, com discentes em vias de conclusão de curso. A ideia era discutir a perspectiva de uma “Escrita Criativa”, que orientasse a produção de seus trabalhos de conclusão de curso. Nessa ocasião, a metodologia da Ego-história lhes foi apresentada, oferecendo subsídios epistemológicos para a produção dos memoriais.

Ainda nesse certame, a produção de memoriais se deu a partir de duas modalidades: a ‘Carta-Memorial’ e o ‘Texto-Memorial’. Nem todos os memoriais foram utilizados nesse artigo, tendo em vista a delimitação de páginas ditadas pelas normas de

submissão, mas escolhemos trechos de algumas produções, que são expressos em citações ao longo deste trabalho. Quanto aos critérios de escrita que permeavam as produções desses memoriais, eles seguiam as orientações:

> O texto não deve ultrapassar 5 páginas; Ao utilizar recursos como poemas, músicas, imagens e etc., trazer as fontes bibliográficas. Observe as dicas: 1. A escolha de uma experiência narrável (algo marcante); 2. Viagem pelo passado (recorte o tempo e o espaço da narrativa); 3. Detalhar o cenário (Faça o leitor se sentir no espaço pela leitura do texto); 4. Trazer fontes (bilhetes, descrições de imagens, memórias); 5. Utilize a literatura, poesia, música... (trechos que se associem à experiência narrada); 6. Escreva uma linguagem sensível e acessível. (de fácil compreensão); 7. Pense de maneira criativa: "Pensar de maneira diferente para encontrar caminhos inesperados"; 8. Tenha uma mente curiosa, explore caminhos possíveis; 9. Fuja de jargões e de caminhos de escrita já esperados; 10. Releia seu texto, avalie suas ideias, corrija-as se necessário for (Atividade. Seminário temático VIII, acervo da autora, 2022).

A modalidade 'Carta-memorial' sugeria a produção de uma carta direcionada a alguém, um professor do curso, um narrador fictício ou até mesmo para o seu eu do futuro. Já o 'texto-memorial' trazia as memórias num formato de texto padrão, direcionado a todo um público leitor.

Os Ateliês biográficos é uma metodologia desenvolvida por Delory-Momberger (2008), que concebe a narrativa de vida como um dispositivo formativo capaz de articular passado, presente e futuro, permitindo que o sujeito elabore seu projeto pessoal e de formação por meio da autobiografia. Nessa concepção, nos inspiramos nessa metodologia, sem – necessariamente – utilizá-la com profundidade. Nossa ideia foi buscar nessa orientação a perspectiva de produção de relatos autobiográficos a partir de um movimento intencional de reconstrução da trajetória individual. Trabalhar com a memória discente foi o nosso maior foco, uma vez que

> A natureza da memória, aqui se destaca na sua vertente formativa a partir da concepção do fazer oralidade (auto)biográfica, uma metodologia capaz de fomentar importantes narrativas e interpretações históricas, ao ressoar as impressões das relações individuais, coletivas, pessoais e profissionais, e ao registrar as interpretações de vida como elemento selecionado, organizado, articulado e socializado no discurso da formação docente (Almeida e Fialho, 2025, p.475).

Tal como a experiência dos ateliês biográficos, trabalhamos com o arcabouço teórico-metodológico da ego-história. Essa abordagem se configura como uma modalidade historiográfica em que o historiador assume o papel de objeto do seu próprio discurso. Diferente de uma autobiografia meramente literária ou de um exercício de psicanálise, essa metodologia busca aplicar o olhar crítico, científico e explicativo característico do método histórico à trajetória pessoal do autor, com o intuito de tornar clara a ligação entre a história que o sujeito produz e a história de que ele é produto. Para Silva (2015):

> A ego-história é compreendida como a vertente da escrita autobiográfica praticada especificamente por historiadores, configurando uma situação em que o autor e o narrador se fundem ao objeto de estudo, rompendo com as divisões tradicionais entre o sujeito que pesquisa e o fenômeno pesquisado (Silva, 2015, p. 109)

Aos moldes de uma ego-história, o memorial acadêmico é identificado como uma manifestação privilegiada da escrita de si no ambiente universitário. No contexto da graduação, ele pode funcionar como uma fonte rica para a pesquisa autobiográfica pois apresenta uma dupla dimensão: é, ao mesmo tempo, um discurso institucional e uma narrativa pessoal memorialística. Nele, o autor-narrador busca reorganizar as instâncias entre sujeito e objeto, utilizando a memória não apenas como registro, mas como uma reconstrução do passado baseada em referenciais atuais de sua prática acadêmica

Tanto os ateliês biográficos quanto a ego-história foram utilizados como arcabouço teórico-metodológicos para a realização das atividades de produção dos memoriais com os discentes de Pedagogia, quanto para a análise desses textos nesse artigo. Diante desses direcionamentos, partiremos para discutir esses memoriais (cartas e textos) como expressões formativas, que delineiam traços que constituem a formação da identidade docente durante a graduação.

3. As memórias discentes na produção de memoriais formativos

Dos memoriais escritos, tivemos textos produzidos em dois formatos: Carta-Memorial e Texto -Memorial. Das 7 (sete) cartas, 4 (quatro) estavam dirigidas à professores do curso. Com vistas a pensar nas relações que são estabelecidas entre professores e alunos, selecionamos para leitura a carta memorial destinada à uma professora do curso:

ISSN: 2358-8829

> Olá, querida professora! Espero que ao receber está carta você esteja bem e com muita saúde. Estou de coração aberto lhe escrevendo esta carta para fala-lhe, do quando foste essencial e transformadora em minha vida. Sei que não é de seu conhecimento, mas no momento mais difícil de minha vida, foi você, com sua alegria e enorme gentileza que fizeram total diferença e me deram forças para prosseguir. [...] O ano era 2021, para ser bem exata, dia 10 de agosto de 2021, eu acabava de vir de uma grande perda, a morte de meu pai, para o câncer e estava tentando me reerguer e foi nos estudos que estava tentando ocupar a minha mente. E foi nesse dia que te conheci, você já de princípio nos recebeu com tanto carinho e afeto, e naquele momento já me senti tão acolhida. O componente curricular era: Pesquisa e Prática Pedagógica na Educação Não-Escolar, e por motivos do Covid19, nossas aulas aconteciam remotamente. Mas para minha surpresa a cada aula sua, me encantava pela temática trazida. Suas aulas eram como um conforto para minha alma, eram leves, divertidas e ricas de conhecimentos. Você conseguia abordar os textos intercalando com a realidade vivida. Falava com maestria e propriedade sobre Educação formal, Educação Informal e Educação não-formal. Nos tornou público a história de grandes homens e mulheres, como Chico Mendes e Margarida Maria Alves, que lutaram bravamente pelos direitos dos mais necessitados (C.M.O., Carta Memorial, 2022).

A partir do trecho dessa carta, é possível discutir que a relação professor-aluno durante o período de aulas remotas, causado pela COVID-19 foi reconfigurada para além da transmissão de conteúdo, revelando-se como uma relação de cuidado e acolhimento humano. Em um momento de luto profundo, a estudante vivenciou a professora não apenas como transmissora de saberes, mas como figura essencial e transformadora que, com alegria, gentileza e afeto, ofereceu forças para prosseguir, demonstrando que mesmo no ensino remoto o vínculo pedagógico pode ser profundo e humanizador. A professora conseguiu criar um ambiente acolhedor por meio da tela, tornando momentos de aulas em espaços de "conforto para a alma", leves e ricas de conhecimentos.

Na modalidade texto memorial, um relato descreve as dificuldades enfrentadas ao longo do dia a dia na universidade. Por ser um campus do interior, o CCHSA recebe discentes de muitas cidades circunvizinhas, e é comum o trânsito de ônibus de prefeituras levando e trazendo discentes para as aulas.

> O primeiro período do curso foi um desafio muito grande para mim e, provavelmente, para muitos dos meus colegas de turma, pois como ainda estávamos iniciando o curso e não tínhamos acesso ao Restaurante Universitário (RU). Com isso, nas quintas e sextas-feiras tínhamos aula o dia inteiro e nesses dois dias da semana a gente sempre comprava um salgadinho chamado pipos para lanchar na hora do almoço. [...] Logo após o nosso lanche, tinha um lugarzinho na

> coordenação do curso que era nosso lugar favorito para relaxar e descansar um pouco. Cada uma sempre levava o seu lençol para deitar no chão e se enrolar, principalmente nos dias chuvosos. Por lá a gente ficava das 11h da manhã até as 13h da tarde horas, que era o horário que tínhamos que ir para a sala de aula. Mas foi nesse lugarzinho, que apesar de ser desconfortável porque nos deitávamos no chão, que criamos laços afetivos e de amizades. Éramos cerca de oito a dez meninas, que ficavam sempre nesse corredor, era aqui que a gente conversava sobre tudo, vida estudantil (provas, notas, professores), vida pessoal (namorados), eram os assuntos mais frequentes. Lembro-me das nossas melhores risadas (G.F.C. Texto Memorial, 2022).

Esse relato descreve bem as dificuldades e desafios enfrentados pelos discentes dentro da rotina no campus. Muitos não moram em Bananeiras e precisam se deslocar de suas cidades para passar o dia na universidade. Atualmente, o campus III de Bananeiras recebe alunos de várias regiões, entre elas Dona Inês, Belém, Caiçara, Borborema, Pirpirituba, Arara, Remígio, Areia dentre outros, além de alunos que residem na própria cidade, mas que por viverem na zona rural enfrentam problemas de deslocamento. A maioria das cidades do interior não possuem linha de ônibus, o que dificulta o acesso a certos lugares quando não se tem um transporte próprio. Ainda sobre a citação, a ausência de lugares de convivência no campus, fragiliza ainda mais a permanência dos discentes que passam o dia na instituição, e que – por isso- precisam adaptar espaços para esperarem no intervalo entre as aulas.

Já no que tange a carta memorial abaixo, ela toma como destinatário à “Formação”, e descreve:

> Cara companheira de formação,
> Hoje, pós mundo isolado, me deparo com sua presença silenciosa. Por muitas vezes me deparei com sua solidão. A rotina vivenciada no curso não me permitiu silêncio para olhar, lembrar das experiências que ficaram dentro de mim acerca de ti. Mas, elas me levaram a refletir acerca das discussões emergidas das relações contigo. [...] As reflexões em mim, perduraram, embora silenciado, vez ou outro perdido ou encontrado, refletindo os conceitos que preenchem a ti... Hoje, retorno a brincar de escrever, preencher, folhas vazias de afetos, lembranças, encontros e experiências... [...] Oh, quão foi pesado, deixar o espírito de besta de carga, carregador de conceitos, de estruturas e de achar que já tinha boa bagagem para andar junto a ti. O encontro contigo, e com os brincares das crianças junto a ti, me fizeram adentrar em um processo de embate, conflito e desconstrução. Para compreender as relações das crianças contigo era necessário a construção, criação de novos valores conceituais que pautariam a nossa relação. [...] Ou seja, eu só iria compreender as relações das crianças contigo, com o desequilíbrio, com o espanto, dos primeiros contatos com o novo da pesquisa acadêmica. Mas quão libertador foi deixar para trás esse peso, meu espírito junto ao teu tornou-se mais leve, não vazio, mas livre, aberto aos ecos,

> ouvindo os teus gritos, que não eram de ti, mas se faziam em ti. Tive que te ver de fora, suspenso, do meu próprio eu. Na solidão junto a ti, me encontrei, suspendido do meu eu, agora, nem era agressivo, nem era passivo. Era só meu eu espantado encontrando a ti. (J.G. V.S. Texto Memorial, 2022)

A narrativa evidencia a formação como um processo de deslocamento, reflexão e reconstrução de saberes, no qual a graduação aparece como espaço inicial de aquisição de "conceitos", mas não como etapa suficiente para a compreensão da realidade. Ao afirmar que carregava uma "boa bagagem" e que seu "espírito de besta de carga" estava repleto de conceitos, o narrador revela uma concepção inicialmente marcada pelo acúmulo de conteúdos, que posteriormente é confrontado com a experiência e com a pesquisa acadêmica despertada pelo encontro com as crianças. Esse movimento aproxima-se da perspectiva de Tardif (2002), ao compreender que os saberes profissionais são plurais e resultam da articulação entre diferentes fontes, incluindo os saberes provenientes da formação acadêmica e aqueles construídos na experiência.

> [...] os próprios professores, no exercício de suas funções e na prática de sua profissão, desenvolvem saberes específicos, baseados em seu trabalho cotidiano e no conhecimento de seu meio, [...] brotam da experiência e são por ela validados. Eles incorporam-se à experiência individual e coletiva sob a forma de *habitus* e de habilidades, de saber-fazer e de saber-ser." (Tardif, 2002, p. 39)

Essa citação nos permite interpretar as experiências narradas — as dificuldades, as relações estabelecidas, a adaptação à universidade e o desenvolvimento das habilidades sociais — como parte de um processo mais amplo de constituição dos saberes e da própria identidade profissional do discente.

Já sobre a escolha por cursar a educação superior, diz a seguinte carta-memorial:

> Olá, queridos leitores
> [...] sou da cidade de Dona Inês, a Princesa do brejo Paraibano. Tenho 22 anos, sou pai de um rapazinho, sou filho de agricultores, venho de uma família humilde e de muito carácter, que sempre me deram muito apoio para estudar, sem eles jamais estaria escrevendo essa minha trajetória universitária. Sendo assim, estou vindo aqui escrever neste pequeno texto sobre a minha trajetória no curso de Pedagogia. [...] Ao dirigir-me para a faculdade tive um choque de realidade pois ela não representava bem o que tinha na minha cabeça, pensei que fosse como demonstram as novelas e séries, mas tudo era diferente da realidade. Eu e meus pais fomos atrás de alojamento para mim, porém ao chegar lá

> não encontramos nenhum. Fiquei desesperado pois não sabia o que fazer, era uma cidade um pouco distante e o curso era integral. [...] Enfrentei grandes dificuldades, pois tinham que ir e voltar todos os dias e se tornou muito perigoso por conta de assaltos e acidentes, mas meses depois consegui o auxílio moradia, comecei a morar em Solânea e fiz algumas amizades (J.E.F.S., Carta Memorial, 2022)

Esse trecho aponta a formação universitária atravessada pelas condições concretas de vida do estudante. Diferentemente do trecho anterior, em que predominava o confronto entre os conhecimentos acadêmicos e a experiência, aqui o narrador evidencia que chegar e permanecer na universidade já constitui, em si, uma experiência formativa, marcada por origem social, deslocamento territorial, condições materiais, políticas de assistência estudantil e construção de vínculos.

Um primeiro aspecto reconhece o apoio dos pais como condição para sua trajetória universitária, sendo o percurso até a graduação narrado como uma trajetória coletiva e familiar. A entrada na universidade representa uma conquista que envolve a família e modifica a própria trajetória do sujeito. Nóvoa (1992, p.17) discute essa compreensão quando afirma:

> Eis-nos de novo face à pessoa e ao profissional, ao ser e ao ensinar. Aqui estamos. Nós e a profissão. E as opções que cada um de nós tem de fazer como professor, as quais cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar e desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser. É impossível separar o eu profissional do eu pessoal.” (Nóvoa, 1992, p. 17)

O autor chama atenção para a impossibilidade de compreender a formação sem considerar a trajetória do sujeito, ou seja, a identidade que ele constrói como estudante e futuro profissional é atravessada por sua origem familiar, suas experiências, dificuldades, deslocamentos e relações. Outro elemento muito expressivo é o “choque de realidade” experimentado ao chegar à faculdade. Esse dado revela que o ingresso na universidade também significa confrontar imaginários previamente construídos sobre o ensino superior. A universidade imaginada pelo estudante, construída a partir de representações midiáticas, é confrontada pela universidade concreta: uma instituição localizada em outra cidade, com curso integral, dificuldades de alojamento e necessidade de deslocamento diário. Portanto, a formação começa antes mesmo da apropriação dos conteúdos curriculares, ela já inicia no próprio processo de adaptação ao universo universitário.

ISSN: 2358-8829

Já o texto que se segue aponta a reflexão sobre a própria trajetória formativa no memorial, quando cita:

> A oportunidade de escrever este memorial sobre minha vida acadêmica me traz muitas reflexões acerca das experiências que já vivi e o tanto que já aprendi com elas. Muitas vezes só caminhamos, mas quase nunca paramos para refletir e analisar os caminhos percorridos. Foi uma fase cheias de descobertas, na qual tive que aprender a conviver e me adaptar a elas. Contudo, aquilo que nos marca, nos faz agir e repensar no nosso modo de viver. Ingressei na universidade no ano de 2019 para cursar Pedagogia na UFPb. Confesso que foi um grande desafio, tive que romper muitas barreiras para chegar até aqui. Ouvi pessoas desacreditando de mim, não as julgo, eu também desacreditava. Acredito que era por que eu nunca fui a aluna exemplar que sempre tirava nota 10, ficava em recuperação, conversava durante a aula, enfim... Confesso também que fui fazer Pedagogia mais não tinha certeza se era isso que eu queria. [...] Neste percurso tive o prazer de conhecer pessoas maravilhosas... Aos poucos fui entendendo como tudo funcionava e percebi que a universidade não era aquele bicho de sete cabeças que o pessoal tanto falava. A universidade abriu-se para mim como um novo mundo cheio de descobertas, conhecimentos, dúvidas, momentos de felicidade, que aos poucos me levava a me adaptar naquela realidade. [...] Cheguei à universidade com poucas habilidades sociais, ou seja, mais precisamente aquelas que envolvem o desempenho da comunicação verbal e não verbal, nitidamente importantes à boa desenvoltura no fazer acadêmico (J.S.R. Texto Memorial, 2022)

Esse trecho apresenta uma dimensão particularmente importante para a análise dos memoriais de formação: a escrita aparece como um dispositivo de reflexão sobre a própria trajetória, permitindo que a estudante transforme experiências vividas em objeto de análise. Há, portanto, uma dupla dimensão formativa: a experiência vivida e a reflexão produzida posteriormente sobre essa experiência.

A frase inicial é bastante significativa: “A oportunidade de escrever este memorial sobre minha vida acadêmica me traz muitas reflexões acerca das experiências que já vivi e o tanto que já aprendi com elas”. A estudante reconhece que a experiência, por si só, não é suficiente; é necessário parar, revisitar e refletir sobre o caminho percorrido. Essa perspectiva dialoga diretamente com Nóvoa (1992, p.25), quando afirma que “a formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal”. O memorial, nesse sentido, materializa justamente esse “trabalho de reflexividade”: aquilo que foi vivido durante a graduação é

revisitado pela estudante e passa a adquirir novos significados quando narrado e analisado.

Também é bastante expressiva a afirmação de que “muitas vezes só caminhamos, mas quase nunca paramos para refletir e analisar os caminhos percorridos”. A metáfora do caminho reforça a ideia de que formar-se implica atribuir sentidos às experiências que compõem esse percurso. Outro aspecto importante é a presença de rupturas e dificuldades na construção da identidade acadêmica. A estudante afirma que precisou “romper muitas barreiras”, ouviu pessoas que “desacreditavam” dela e reconhece que ela própria não acreditava em sua capacidade. A narrativa revela que a entrada na universidade não representa diretamente segurança na formação, ao contrário, essa identidade vai sendo construída progressivamente. Quando afirma que “a universidade abriu-se para mim como um novo mundo cheio de descobertas, conhecimentos, dúvidas, momentos de felicidade”, percebe-se uma transformação na maneira como a estudante se relaciona com a instituição, o antes desconhecido passa, gradativamente, a se constituir como um território de pertencimento.

A estudante revisita sua própria trajetória escolar e confronta a imagem de uma “boa aluna” baseada no desempenho acadêmico. Para Tardif (2002, p.36), os saberes docentes constituem “um saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais”, muitas vezes advindos de experiências escolares anteriores, que auxiliam na adaptação à universidade.

Considerações Finais

Nesse contexto, vemos que universidade, portanto, não é representada somente como espaço de aquisição de conhecimentos pedagógicos, mas como espaço de desenvolvimento de capacidades relacionais, comunicativas e pessoais. Os memoriais materializam aquilo que Nóvoa (1992, p. 25) denomina como um processo de “reflexividade crítica” e de “(re)construção permanente de uma identidade pessoal”, uma vez que os estudantes, ao rememorarem suas trajetórias, não apenas descrevem acontecimentos, mas refletem sobre eles e atribuem novos sentidos às experiências vividas. Nesse movimento, a escrita memorialística permite perceber que a formação acadêmica se constitui na relação entre os conhecimentos oferecidos pela universidade,

os saberes produzidos nas experiências e as histórias de vida dos sujeitos, reafirmando, conforme Nóvoa (1992, p. 17), que "é impossível separar o eu profissional do eu pessoal".

Conclui-se, assim, que os memoriais se configuram como importantes registros dos processos de formação, pois tornam visível a maneira como os sujeitos se apropriam dos conhecimentos, enfrentam desafios, constroem pertencimentos e, sobretudo, transformam suas experiências em aprendizagens e elementos constitutivos de suas identidades profissionais.

Referências Bibliográficas:

ALMEIDA, Dória Karenina Castro de; FIALHO, Lia Machado Fiuza. Percurso formativo docente: memórias, narrativas e materialidade em ateliês biográficos de projeto. **Revista Pesquisa Qualitativa** , São Paulo, v. 35, pág. 474–496, conjunto. 2025. DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2025.v.13.n.35.993

ARCOVERDE, Maria Divanira de Lima. Produzindo gêneros textuais: o memorial. IN **Leitura, interpretação e produção textual**/ Maria Divanira de Lima Arcoverde, Rossana Delmar de Lima Arcoverde. – Campina Grande; Natal: UEPB/UFRN, 2007. (p.1-20). Disponível em: http://www.ead.uepb.edu.br/ava/arquivos/cursos/geografia/leitura_interpretacao_e_producao_de_textos/Le_PT_A15_J_1_.pdf

DELORY-MOMBERGER, C. **Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Escrita acadêmica: arte de assinar o que se lê. In: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss (orgs.) **Caminhos investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras.** Rio de Janeiro: DP&A, 2005. (p.117-140). Disponível em: https://pedagogiascontemporaneas.files.wordpress.com/2017/08/fischer-rosa-maria-bueno-escrita-academica-arte-de-assinar-o-que-se-le.pdf

PRADO, G.; SOLIGO, R. Memorial de formação. In **Porque escrever é fazer história**. – Revelações, Subversões, Superações. 2ª. ed. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007. (p.45-59)

NÓVOA, António**.** Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, António (Coord.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992. p. 13-33. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/handle/10451/4758 . Acesso em: 17 de agosto de 2026.

SILVA, Wilton C. L.Para além da ego-história: memoriais acadêmicos como fontes de pesquisa autobiográfica. **Revista Patrimônio e Memória**. São Paulo: UNESP, V.11, N.1, P.71-95, 2015. Disponível em https://share.google/akuzVjHRgQgo6Rrlu. Acesso em: 15 de julho de 2026.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, pp.325.

Utilizou-se o ChatGPT (OpenAI) como ferramenta auxiliar para a sistematização preliminar das análises e para sugestões de organização textual. Tal auxílio foi verificado e validado pela pesquisadora a partir do corpus empírico e do referencial teórico do estudo. Nenhum conteúdo gerado pela ferramenta foi incorporado sem revisão crítica e autoria humana.